



Espiritualidade de estudantes de teologia: relato de uma pesquisa-ação¹

Spirituality of theology students: action research report

Isaac Malheiros Meira Junior²

Vanessa Meira³

Resumo: Este artigo apresenta e discute os resultados parciais de uma pesquisa-ação sobre espiritualidade e hábitos devocionais de estudantes de graduação em teologia. O objetivo foi analisar o impacto de um curso de Formação Espiritual na espiritualidade dos participantes. O estudo utilizou uma abordagem qualitativa e contou com 43 alunos de um seminário confessional no Brasil. Na Fase I, a análise das respostas revelou que havia desconhecimento e dificuldades na prática dos hábitos devocionais. Na Fase II, foi realizado um curso de Formação Espiritual. Na Fase III, as respostas evidenciaram que a intervenção causou um impacto positivo sobre os participantes. Os resultados da pesquisa indicaram que a intervenção teórico-prática, na forma de um curso de Formação Espiritual, contribuiu significativamente para a espiritualidade, sugerindo caminhos para potencializar ações que fomentem o desenvolvimento da espiritualidade nas instituições de educação teológica.

Palavras-chave: Espiritualidade. Formação espiritual. Educação teológica.

Abstract: Abstract: This article discusses partial findings from an action research study on the spirituality and devotional habits of undergraduate theology students. The study aimed to evaluate the impact of a Spiritual Formation course on the participants' spirituality. Employing a qualitative approach, the study involved 43 students from a confessional seminary in Brazil. In Phase I, analysis revealed a general lack of knowledge and difficulties in practicing devotional habits among the students. During Phase II, a Spiritual Formation course was conducted. In Phase III, the findings indicated that the course had a positive impact on the participants. The results suggest that theoretical and practical interventions, such as the Spiritual Formation course, significantly enhance spirituality, pointing to potential improvements in how theological education institutions can foster spiritual development.

Keywords: Spirituality, Spiritual formation, Theological education.

Introdução

Aqueles que ingressam em seminários de teologia cristã muitas vezes expressam decepção relacionada à espiritualidade.⁴ A espiritualidade, dimensão humana essencial, complementa outros

¹ Este artigo foi recebido em 7 de junho de 2024 e submetido a uma avaliação cega por pares, conforme a política editorial, sendo aprovado para publicação em 10 de dezembro de 2024.

² Doutor em Teologia. Professor de Novo Testamento, Unasp, Engenheiro Coelho-RS, isaacmeira@gmail.com .

³ Doutora em Teologia. Professora do PPG em Teologia, Unasp, Engenheiro Coelho-RS, vanessarmeira@gmail.com .

⁴ PETERSON, E. H. **Espiritualidade subversiva**. São Paulo, Mundo Cristão, 2009. p. 75.



aspectos da vida, proporcionando vitalidade e significado aos acontecimentos, influenciando significativamente a qualidade de vida em geral.⁵ Como a existência humana transcende a reflexão racional,⁶ a educação teológica deve ir além do conhecimento técnico para oferecer oportunidades de exploração do significado da vida, abordando necessidades multidimensionais.

Embora a definição de espiritualidade seja amplamente debatida, para a discussão desta pesquisa, basta reconhecê-la como uma dimensão humana inata que se desenvolve com a maturidade.⁷ Este desenvolvimento pode ser alimentado através da linguagem e das experiências⁸ na milenar busca humana por respostas existenciais (jornada em que a filosofia e a teologia têm desempenhado papéis cruciais).

Ao longo da história cristã, as Disciplinas Espirituais têm sido práticas essenciais para indivíduos que buscam uma conexão com o divino e satisfazem suas necessidades espirituais.⁹ Diferentes autores identificam essas disciplinas de diversas maneiras. Foster¹⁰ lista doze disciplinas (meditação, oração, jejum, estudo, simplicidade, solidude, submissão, serviço, confissão, adoração, orientação e celebração). Dallas Willard¹¹ amplia essa lista para quinze (solidude, silêncio, jejum, frugalidade, castidade, discrição, sacrifício, estudo, adoração, celebração, serviço, oração, comunhão, confissão e submissão). Essas disciplinas exigem planejamento e esforço intencionais, moldando os hábitos devocionais dos praticantes.

Existe, contudo, uma tensão entre teologia e espiritualidade, especialmente entre estudantes que se preparam para o ministério pastoral.¹² Esta tensão é realçada pela afirmação frequente de

⁵ SILVA, J. B. da; SILVA, L. B. da. Relação entre religião, espiritualidade e sentido da vida. **Logos & Existência**, v. 3, n. 2, p. 203-215, 2014. p. 208.

⁶ FRANKL, V. E. **A presença ignorada de Deus**. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2014. p. 26.

⁷ HAY, David. Why Is Implicit Religion Implicit? **Implicit Religion**, v. 6, n. 1, (p. 17-41), 2003. p. 17-41;
FOWLER, James W. **Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido**. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

⁸ EGBERT, R.; KUBURIC, S. Rituais: expressões e celebrações da fé. **Revista Educação Adventista**. n. 37, (p. 16-20), 2014. p. 29.

⁹ FOSTER, R. J. **Celebração da disciplina: o caminho do crescimento espiritual**. São Paulo: Vida, 1983. p. 6.

¹⁰ FOSTER, 1983.

¹¹ WILLARD, D. **O Espírito das disciplinas**. Rio de Janeiro: Danprewan, 2003.

¹² ERWICH, R. Studying theology: Between exploration and commitment-Researching spiritual development of higher education students of the theology. *International Journal of Christianity & Education*, v. 22, n. 3, p. 214-232, 2018;
OTT, B. **Understanding and Developing Theological Education**. Carlisle: LGL, 2016; ENDEAN, P. Christian spirituality and the theology of the human person. In: HOLDER, A. (ed.). **The Blackwell Companion to Christian Spirituality**. Malden: Blackwell, 2005. p. 223-238; SCHNEIDERS, S. M. Approaches to the study of Christian spirituality. In: HOLDER, A. (ed.). **The Blackwell Companion to Christian**



que os seminários podem ser “cemitérios de fé”, motivada pela percepção nos círculos evangélicos de que o estudo teológico leva a problemas espirituais.¹³ Em determinados círculos evangélicos, a teologia é vista como antitética à espiritualidade.¹⁴

Por que seminaristas perdem a fé no seminário? Alguns autores identificam a ausência de devoção e prática de Disciplinas Espirituais como fatores significativos.¹⁵ No entanto, separar a espiritualidade da teologia não é uma visão generalizada nem inevitável. Numa perspectiva cristã, a espiritualidade é “a aplicação da verdade cristã à vida de fé. [...] Colocar uma barreira entre teologia e espiritualidade é pedir a duas pessoas apaixonadas que se relacionem friamente”.¹⁶

Ver a espiritualidade como distinta da teologia não reconhece a fonte fundacional da qual se origina a disciplina teológica.¹⁷ Sem espiritualidade, a teologia carece de fervor, vida e valor espiritual; enquanto a vida contemplativa sem teologia carece de substância, significado e orientação.¹⁸ A excelência acadêmica em teologia não exige hostilidade em relação à espiritualidade, e a contemplação é a culminação moral da teologia.¹⁹ A análise intelectual das verdades divinas e a experiência contemplativa dessas verdades são duas facetas da mesma realidade e não devem ser vistas como separadas e independentes. Assim, é crucial manter a espiritualidade no centro da reflexão teológica dentro das escolas de teologia, uma necessidade amplamente reconhecida.²⁰

A motivação para esta investigação surgiu tanto das considerações teóricas detalhadas acima quanto das experiências informais dos pesquisadores como professores de teologia. O objetivo é compreender melhor o fenômeno e propor uma intervenção. Este estudo pretende ir além da mera

Spirituality. Oxford: Blackwell, 2005. p. 15-33; SHELDRAKE, P. **Spirituality and Theology: Christian Living and the Doctrine of God.** London: Darton, Longman and Todd, 1998.

¹³ PETERSON, 2009, p. 75.

¹⁴ WARFIELD, B. B. **A vida religiosa dos estudantes de teologia.** São Paulo: Puritanos, 1999. p. 10-11.

¹⁵ Por ex., NICODEMUS, A. Por que seminaristas perdem a fé no seminário? **Voltemos ao evangelho.** 2014. Disponível em: < <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2014/08/por-que-seminaristas-perdem-a-fe-no-seminario/>>. Acesso em: 10 de maio de 2023.

¹⁶ MCGRATH, A. **Teologia para amadores.** São Paulo: Mundo Cristão, 2008. p. 59-60.

¹⁷ BARROS, P. C. Editorial: Teologia e espiritualidade. **Perspectiva Teológica**, v. 38, n. 106, p. 317-321, 2006. p. 318.

¹⁸ MERTON, T. **Sementes de contemplação.** Porto: Tavares Martins, 1955. p. 30.

¹⁹ MERTON, 1955, p. 30.

²⁰ BINGEMER, M. C. L. **Em tudo amar e servir: mística trinitária e práxis cristã em Santo Inácio de Loyola.** São Paulo: Loyola, 1990. p. 19.



recolha de dados, uma vez que a pesquisa-ação permite que os pesquisadores se envolvam ativamente e influenciem as realidades observadas.²¹

Dentro desse contexto mais amplo, este projeto de pesquisa-ação teve como foco o estudo dos hábitos e práticas devocionais das Disciplinas Espirituais entre estudantes do curso de teologia de uma instituição confessional brasileira. Embora a erudição seja indispensável, “não é a coisa mais essencial para um ministro”.²² Ser um teólogo reconhecido não significa automaticamente ter uma espiritualidade profunda. Embora interligado, o conhecimento teológico genuíno sobre Deus e a Bíblia não leva necessariamente a uma experiência religiosa enriquecedora.²³

Como enfatiza Barbosa: “Precisamos de uma teologia mais espiritual, que nos desperte para um relacionamento pessoal e verdadeiro com Deus. [...] Que seja mais pessoal, afetiva e comunitária, e não apenas acadêmica. Pra isso ela precisa ser mais espiritual”.²⁴ Espera-se que esta investigação traga dados e reflexões úteis ao atendimento desse apelo.

Metodologia

Este estudo utilizou o método da pesquisa-ação, recomendado em contextos educativos pelo seu envolvimento direto na abordagem de questões de interesse público.²⁵ Especificamente, esta pesquisa foi realizada dentro de uma faculdade de teologia de uma instituição privada e confessional no Brasil, com o objetivo de esclarecer problemas e encontrar soluções.²⁶ Os participantes eram alunos do primeiro ano de um curso superior de teologia, que prepara indivíduos para atuar como pastores, missionários, professores de ensino religioso. A maioria dos alunos deste programa torna-se líder de comunidades religiosas, tornando o estudo de sua espiritualidade pertinente e justificado.

Esta pesquisa-ação utilizou uma abordagem qualitativa (amostra de 43 pessoas) devido à natureza subjetiva do estudo da espiritualidade, concentrando-se num espectro de significados,

²¹ THIOLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986. p. 16.

²² WARFIELD, 1999, p. 9.

²³ KNIGHT, George R. Ensino de religião versus ensino de teologia: um destaque desequilibrado? **Revista Educação Adventista**, n. 15, p. 24-27, 2002. p. 25.

²⁴ BARBOSA, R. O desafio bíblico da espiritualidade cristã. In: BOMILCAR, N. (org.). **O melhor da espiritualidade brasileira**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. (p. 11-34) p. 18.

²⁵ THIOLENT, 1986, p. 74-76.

²⁶ THIOLENT, 1986, p. 17.



motivações, crenças, valores e atitudes.²⁷ Essa abordagem emprega métodos adaptáveis e sensíveis ao contexto,²⁸ e possibilita a análise dos elementos emocionais e intencionais nas falas e comportamentos dos participantes,²⁹ procedimento ideal para estudar hábitos devocionais, formação espiritual e disciplinas espirituais entre estudantes de teologia.

O tempo de duração da aplicação da pesquisa foi de 4 meses. A formação de hábitos varia entre os indivíduos e depende da natureza do comportamento. O número de repetições necessárias para que um comportamento se torne um hábito varia de 18 a 254 dias, dependendo da sua complexidade.³⁰ Consistência e regularidade são cruciais para a formação de hábitos, juntamente com fatores como motivação pessoal, ambiente e recompensas.³¹ Para hábitos devocionais, os especialistas sugerem um período mínimo de trinta dias para criar ou quebrar hábitos.³² Assim, houve tempo suficiente para a formação de novos hábitos.

Esta investigação faz parte de um projeto de pesquisa mais amplo intitulado “Hábitos devocionais de estudantes de teologia”, que foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa do Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP), identificado pelo Certificado de Apresentação para Apreciação Ética nº 76096923.7.0000.5377, e aprovado sob o parecer nº 6.569.375. Em observância aos princípios éticos que norteiam a pesquisa científica e em respeito aos participantes, as identidades da instituição e dos alunos foram mantidas em sigilo. Esta pesquisa foi conduzida em três fases, detalhadas a seguir.

Detalhamento das fases da pesquisa

A pesquisa começou com a *Fase I: Diagnóstico de Hábitos Devocionais*. Os dados objetivos e subjetivos foram coletados por meio de um questionário semiaberto³³ Questionário A aplicado,

²⁷ MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 9-29.

²⁸ MASON, J. **Qualitative Researching**. London; Thousand Oaks; New Delhi: Sage, 2002. p. 24.

²⁹ MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec: Abrasco, 2010.

³⁰ LALLY, P.; VAN JAARSVELD, C. H. M.; POTTS, H. W. W.; WARDLE, J. How are habits formed: Modelling habit formation in the real world. **European Journal of Social Psychology**, v. 40, n. 6, p. 998-1009, 2009.

³¹ CRISTO, F. de; GÜNTHER, H. Hábito: Por que devemos estudá-lo e o que podemos fazer? **Psico**, v. 46, n. 2, p. 233-242, 2015.

³² FOSTER, R. J.; BEEBE, G. D. **Sedentos por Deus**. São Paulo: Vida, 2009.

³³ CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

com a devida autorização da instituição, a estudantes do primeiro ano de teologia. Esse questionário, baseado em Foster (1983) e Willard (2003), teve como objetivo descobrir os hábitos devocionais e as práticas das Disciplinas Espirituais dos participantes.

Na *Fase II: Planejamento e Ação*, um curso de Formação Espiritual foi elaborado com base nos resultados do Questionário A. Esta fase abraçou a flexibilidade inerente à pesquisa qualitativa, permitindo aos pesquisadores ajustarem o conteúdo do curso de forma dinâmica. O curso, composto por dezesseis horas de instrução teórica sobre práticas devocionais e Disciplinas Espirituais (ver a programação na Figura 1, abaixo), incluiu atividades práticas.

Figura 1 – Programação do curso de Formação Espiritual

PROGRAMAÇÃO DO CURSO DE FORMAÇÃO ESPIRITUAL
Aula 1 (2h) - O que são Disciplinas Espirituais? Abertura da formação; apresentação do projeto; Explicação do Diário Devocional; Exposição dialogada: princípios bíblicos e história das Disciplinas Espirituais;
Aula 2 (2h) - Como ler a Bíblia? Exposição dialogada: a leitura devocional e o estudo da Bíblia; Atividade proposta: práticas devocionais com a Bíblia
Aula 3 (2h) - O que é Oração? Exposição dialogada: a oração devocional nas Escrituras e na história da igreja; Atividade proposta: práticas devocionais de oração
Aula 4 (2h) - O que é Jejum e Celebração Comunitária? Exposição dialogada: jejum, abstinência e renúncia nas Escrituras e na história da igreja; Exposição dialogada: a celebração comunitária nas Escrituras e na história da igreja; Atividade proposta: jejuns, abstinência e renúncia, e de celebração comunitária
Aula 5 (2h) - O que é Contemplação e Adoração Individual? Exposição dialogada: princípios bíblicos de contemplação e adoração individual; Atividade proposta: práticas devocionais de contemplação e adoração individual
Aula 6 (2h) - O que é Meditação e Solitude? Exposição dialogada: princípios bíblicos de meditação e solitude; Atividade proposta: práticas devocionais de meditação e solitude
Aula 7 (2h) - O que é Testemunho e Serviço? Exposição dialogada: princípios bíblicos de testemunho e serviço; Atividade proposta: práticas devocionais de testemunho e serviço
Aula 8 (2h) – Como ter uma vida de comunhão devoto Exposição dialogada: princípios bíblicos sobre comunhão e devoção; Devolução dos Diários Devocionais e encerramento.

Fonte: Autores desta pesquisa

Os participantes mantiveram diários para registrar suas experiências, pensamentos e observações, enviando semanalmente esses registros aos pesquisadores. Esses relatos subjetivos são dados valiosos para a compreensão das experiências pessoais com as Disciplinas Espirituais e foram avaliados posteriormente por meio da Análise Textual Discursiva (cujos resultados não serão publicados neste artigo por uma questão de espaço)..

Finalmente, a *Fase III: Avaliação do Impacto*. Essa etapa avaliou o impacto do curso de Formação Espiritual nos hábitos devocionais dos participantes, utilizando outro questionário

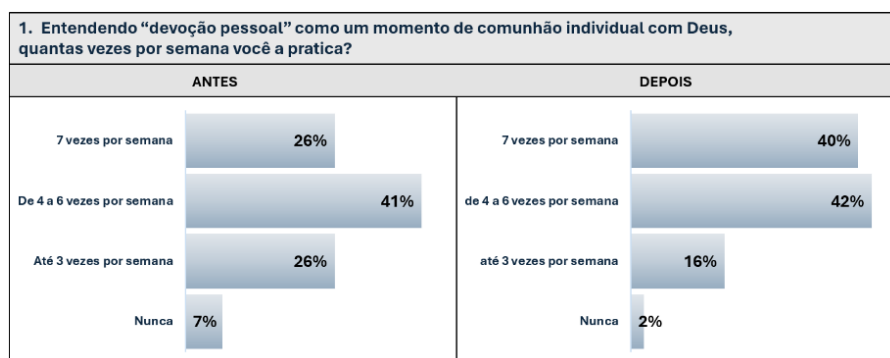
semiaberto (Questionário B). Esta fase proporcionou ao estudo uma perspectiva longitudinal, permitindo um período adequado de observação para avaliar a formação de hábitos.

Neste artigo, serão publicados apenas os resultados dos questionários semiabertos realizados antes e depois da intervenção (nas fases I e II, respectivamente). Apesar de serem resultados parciais, os dados já demonstram o impacto da intervenção realizada.

Análise dos dados objetivos

Neste tópico, serão expostos os resultados da aplicação dos questionários antes e depois da intervenção (que consistiu na realização do curso de Formação Espiritual).

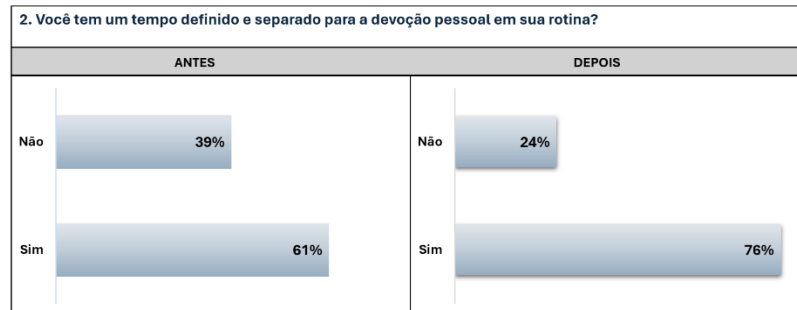
Tabela 1 – Frequência da devoção pessoal



Fonte: Autores desta pesquisa

Poucos estudantes tinham o hábito diário de fazer a devoção pessoal (26%). Com a intervenção, esse índice de devoção diária subiu para 40%. Inicialmente, a maioria praticava uma devoção de 4 a 6 vezes por semana (41%). Após a intervenção, a quantidade de pessoas praticando devoção pessoal de 4 a 6 vezes por semana teve um ligeiro aumento (42%). Antes, cerca de um quarto dos participantes praticava uma devoção irregular de até 3 vezes por semana (26%), índice que caiu para 16% após a intervenção. No início da pesquisa, alguns alunos não tinham nenhum hábito de devoção pessoal (7%), e esse número caiu para 2% ao final.

Tabela 2 – Tempo separado para devoção pessoal

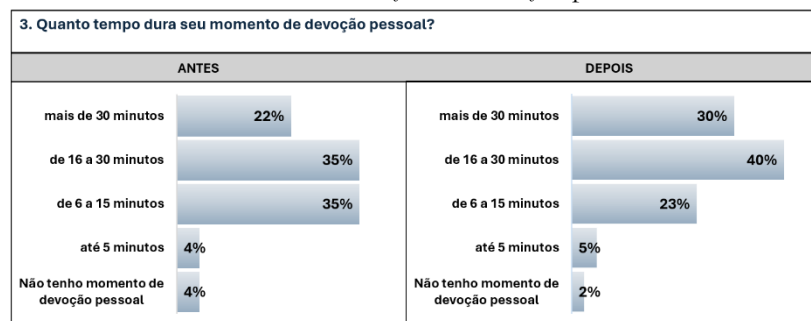


Fonte: Autores desta pesquisa

A quantidade de estudantes que não tinha um tempo definido para a devoção pessoal era alta (39%). Ou seja, quando tinham momentos de devoção, isso ocorria sem nenhuma rotina. Esse índice caiu para 24% após o curso de Formação Espiritual.

Antes da intervenção, a maior parte dos estudantes já tinha um momento previamente definido para a devoção pessoal (61%). Porém, esse número subiu para 76% após a intervenção.

Tabela 3 – Duração da devoção pessoal

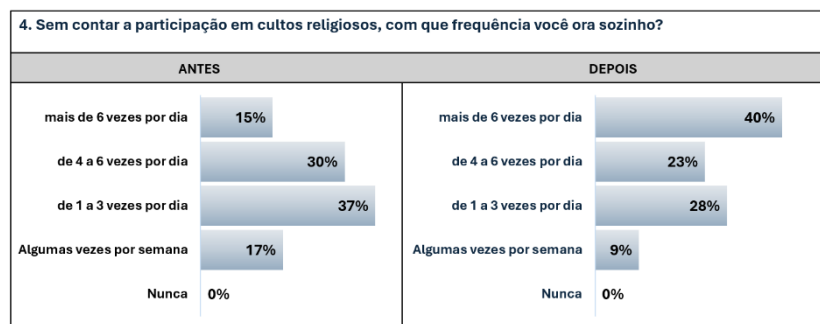


Fonte: Autores desta pesquisa

O tempo dedicado aos momentos de devoção também apresentou sensível aumento. Antes da intervenção, 22% dos estudantes passavam mais de 30 minutos em devoção. Após a intervenção, o índice subiu para 30%. Também aumentou a quantidade de pessoas que passam 16 a 30 minutos em devoção pessoal, subindo de 35% para 40%. Outros 35% passavam de 6 a 15 minutos em devoção pessoal antes do curso de Formação Espiritual, e esse índice caiu para 23% depois. Apenas 4% dos estudantes passavam até 5 minutos em devoção pessoal antes da intervenção, e esse número subiu para 5%. Outros 4% declararam não dedicar momento algum à devoção antes

da intervenção. Esse índice não contradiz os 7% que declararam na pergunta 1 não ter o hábito de devoção pessoal antes da intervenção. Isso se deve ao fato de que, apesar de não terem o hábito, alguns respondentes ocasionalmente faziam alguma devoção pessoal. Após a intervenção, a quantidade de respondentes que declararam não dedicar tempo à devoção pessoal caiu para 2%. O resultado mais impactante da intervenção foi na prática da oração (aqui foram desconsideradas as orações feitas nos cultos religiosos).

Tabela 4 – Frequência da oração



Fonte: Autores desta pesquisa

A princípio, 15% dos estudantes declararam orar sozinho mais de 6 vezes por dia, e esse índice subiu para 40% após a intervenção. Antes, 30% dos participantes afirmaram orar de 4 a 6 vezes por dia, índice que foi reduzido para 23% após o curso. No início, o maior grupo (37%) era o dos que oravam de 1 a 3 vezes por dia. Após a intervenção, a maior redução foi nesse grupo, que passou a ser 28%. Boa parte (17%) dos estudantes admitiam orar algumas vezes por semana (ou seja, não oravam todos os dias), e, ao final, apenas 9% dos estudantes continuaram declarando orar apenas algumas vezes por semana. Isso indica que houve transferência de todos os perfis para o grupo que ora com mais frequência.

Tabela 5 – Frequência na leitura da Bíblia

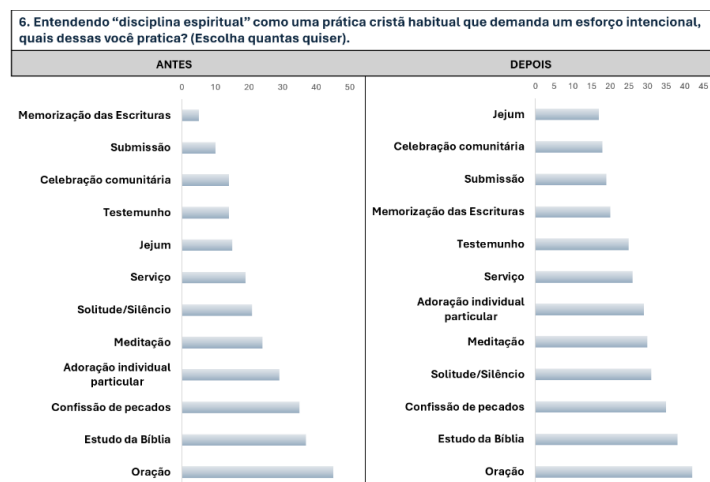


Fonte: Autores desta pesquisa

Antes, a Bíblia era lida 7 vezes por semana por 20% do grupo. Após o curso de Formação Espiritual, 33% dos estudantes afirmaram ler a Bíblia 7 vezes por semana. 39% dos estudantes disseram ler a Bíblia de 4 a 6 vezes por semana antes da intervenção, e esse índice sofreu uma ligeira redução, indo para 35%. Outros 33% declaravam ler a Bíblia até 3 vezes por semana antes da intervenção, e esse índice caiu para 28%.

No início, o índice dos que nunca liam a Bíblia era de 9%, e, depois, 5% dos estudantes continuaram afirmando que nunca liam a Bíblia. Nesse caso, a maior transferência foi para o grupo dos que liam 7 vezes por semana.

Tabela 6 – Disciplinas Espirituais praticadas



Fonte: Autores desta pesquisa

As disciplinas espirituais mais praticadas antes do curso de Formação Espiritual eram a oração, o estudo da Bíblia e a confissão de pecados. As menos praticadas eram a memorização das Escrituras, a submissão e a celebração comunitária. Chama a atenção o fato de que, apesar de estudantes de teologia frequentarem cultos religiosos com regularidade, esses eventos não eram encarados por alguns deles como momentos de celebração comunitária, mas apenas como um dever social e religioso.

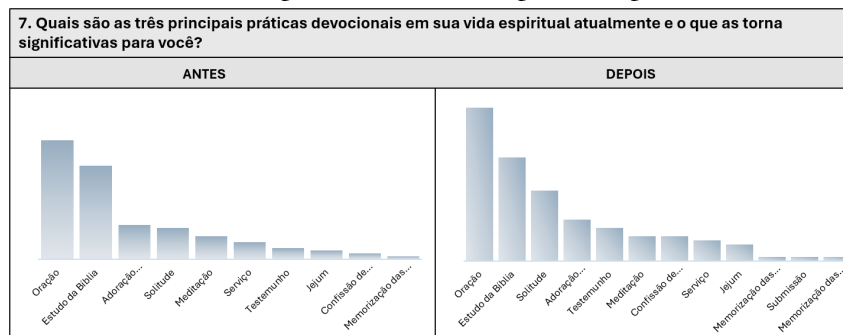
Além disso, a diferença entre as disciplinas mais praticadas e as menos praticadas era grande (muitos praticavam a oração, e pouquíssimos praticavam a memorização, por exemplo, com uma diferença de 40 pontos entre esses dois itens).

Após a intervenção, as disciplinas mais praticadas continuaram sendo a oração, o estudo da Bíblia e a confissão de pecados. Houve, contudo, uma alteração entre as menos praticadas. O jejum passou a ser a disciplina menos praticada, seguido da celebração comunitária e da submissão. A memorização das Escrituras ganhou mais adeptos, e houve uma sensível diminuição na diferença entre as disciplinas mais praticadas e as menos praticadas: todas as disciplinas passaram a ser mais praticadas de forma geral.

Análise dos dados subjetivos

A intervenção também impactou a percepção dos participantes a respeito da importância de cada uma das disciplinas espirituais. Nas questões referentes aos dados subjetivos, foi perguntado aos participantes quais eram as três principais práticas devocionais e por que essas práticas eram significativas. A Tabela 7 ilustra o aspecto quantitativo, e as opiniões dos participantes são mencionadas e analisadas no texto abaixo.

Tabela 7 – Importância das Disciplinas Espirituais



Fonte: Autores desta pesquisa



Antes da intervenção, os estudantes de teologia consideravam a oração a disciplina espiritual mais importante, associando-a à conexão, à comunicação e à proximidade com Deus (nas expressões “sinto-me conectado com Deus”, “comunicação direta com Deus”, “aproximação de Deus”, por exemplo). Essa percepção manteve-se inalterada após a intervenção, continuando os estudantes a enfatizar esses aspectos nas suas descrições (como se pode perceber nas expressões “contato com Deus”, “desabafo a Deus”, “me deixa aliviado”, “me sinto mais próximo de Deus”, “me aproximo de Deus” e “converso com Deus”, por exemplo).

O estudo da Bíblia havia sido a segunda disciplina mais importante, vista principalmente como fonte de respostas e conhecimento (o que se pode observar nas expressões “quero mais conhecimento”, “aprender sobre Deus na fonte primária” e “aprendizado”). Após a intervenção, embora ainda ocupando o segundo lugar, os alunos passaram a destacar mais os aspectos relacionais e emocionais do estudo da Bíblia (por exemplo, “contato com Deus”, “me sinto mais próximo de Deus”, “me coloca na presença de Deus” e “sinto Deus mais perto”).

A adoração individual particular, inicialmente em terceiro lugar e ligada a reações experienciais ao divino (“externar minhas reações” e “nos coloca de volta ao nosso lugar de criatura”, por exemplo), caiu para o quarto lugar após o curso, mas ainda enfatizando elementos experienciais e relacionais por meio de expressões como “não sinto o peso do formalismo”, “me aproxima de Deus e me fortalece”.

A solitude/silêncio, inicialmente associada à espiritualidade sensível e à fuga da rotina (como nas expressões “encontrar um momento de paz”, “sentir a presença de Deus”, “paz e tranquilidade limpam nossa visão para o mundo espiritual”, “tentativa de fugir da correria/distrações do dia”), subiu para o terceiro lugar pós-intervenção, enfatizando agora a comunicação e a ligação com Deus (“ouvir Deus falar comigo”, “sinto que estou me conectando mais com Deus”, “me aproxima de Deus”, “sinto Deus mais perto”, por exemplo).

A meditação, antes considerada adequada para “contemplar Deus”, foi menos mencionada após o curso, mas passou a ser relacionada à “comunhão com Deus”. O serviço, inicialmente visto como “prática do amor” e “uma forma de evangelismo”, sofreu um ligeiro declínio pós-intervenção, mas ainda foi citado como importante, agora relacionado à prática cristã e ao altruísmo (como nas expressões “esqueço de mim e penso nos outros”, “me faz ser útil”, “é a prática”).

O testemunho, inicialmente citado, mas não comentado, teve aumento de citações pós-intervenção, mas continuou sem comentários. O jejum, inicialmente descrito como algo que torna a pessoa “sensível à voz de Deus”, foi citado mais vezes após o curso e associado à força espiritual e à proximidade de Deus.

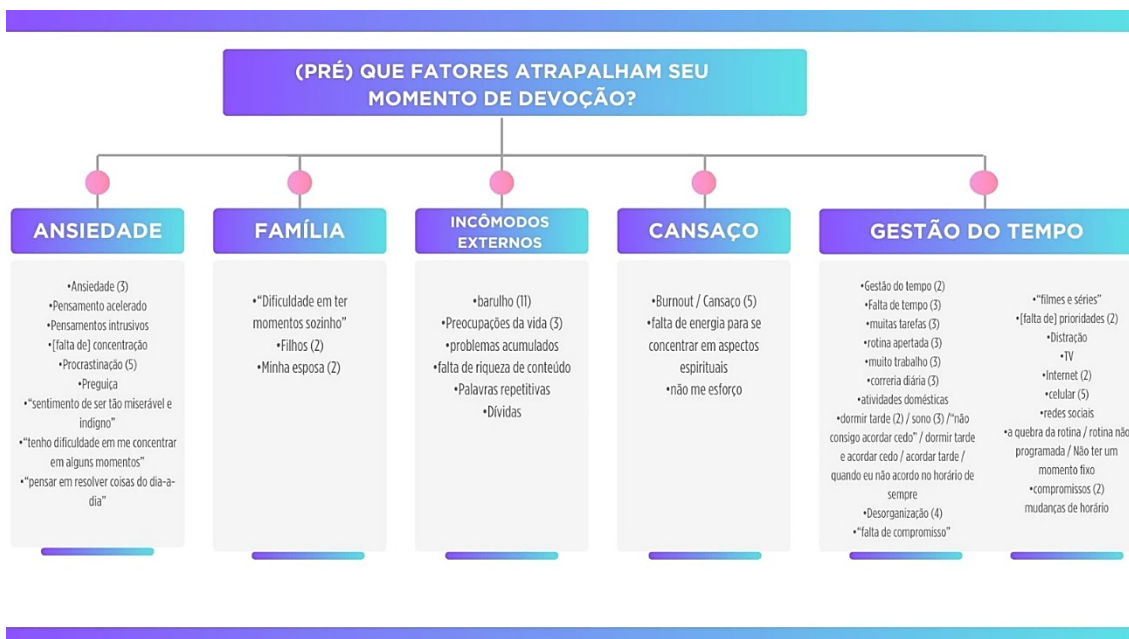
A confissão de pecados, antes pouco citada, teve um aumento significativo nas citações pós-intervenção e foi associada à ideia de proximidade de Deus.

A memorização das Escrituras continuou sendo a disciplina menos mencionada tanto antes quanto depois do curso, sem comentários dos participantes. A submissão e a celebração comunitária, não citadas antes da intervenção, foram reconhecidas posteriormente como importantes disciplinas espirituais.

Isso revela que a percepção da importância de uma disciplina espiritual é afetada tanto pelas informações teóricas que o participante teve a respeito dela quanto pela experiência de praticá-la. Esse fenômeno ficou mais evidente no caso da solidude/silêncio.

No início da pesquisa, também foi perguntado aos estudantes quais seriam os maiores empecilhos à vida devocional. As respostas foram analisadas e agrupadas em cinco categorias (ver Tabela 8, abaixo)

Tabela 8 – Fatores que atrapalhavam a devoção antes da intervenção



Fonte: Autores desta pesquisa

Antes da intervenção, os participantes declararam cinco obstáculos principais à devoção: (1) a ansiedade e outras questões psicológicas e emocionais, (2) as atividades familiares (especialmente com cônjuges e filhos), (3) os incômodos externos (principalmente o barulho), (4) o cansaço físico e mental, e (5) o maior problema de todos: a falta de tempo.

Pelas respostas, é nítida a dificuldade dos estudantes em gerenciar o tempo e organizar as atividades do dia. Além disso, salta aos olhos a interligação de uma categoria com a outra: a ansiedade, por exemplo, pode ser impactada pelos incômodos externos e pelo cansaço. Esse é um campo a ser mais bem explorado por futuras investigações.

Na fase pós-aplicação do projeto, algumas ocorrências merecem atenção. Porém, antes, é importante ressaltar algumas similaridades com as respostas da fase pré-intervenção e situações que permaneceram iguais, como a presença de pessoas próximas e a dificuldade de encontrar momentos a sós.

Tabela 9 – Fatores que atrapalhavam a devoção após a intervenção



Fonte: Autores desta pesquisa

De igual forma, os incômodos externos, como barulho e preocupações com situações externas, também são mencionados em ambas as fases. Curioso notar que, antes da intervenção,

para descrever os incômodos externos, algumas palavras foram mencionadas várias vezes (como “barulho”, que na primeira fase foi citada onze vezes), mas algumas desapareceram, e as palavras que se repetiram diminuíram radicalmente a incidência. Isso pode sugerir uma mudança nos tipos de distrações percebidas ou na interpretação das distrações externas.

Na fase pós-aplicação do projeto, a ansiedade deixou de ser uma categoria separada; inclusive, a palavra apareceu apenas duas vezes. Isso também indica uma mudança na percepção dos participantes, que entenderam que a falta de concentração, o cansaço e a própria ansiedade são alertas para um olhar mais cuidadoso com a saúde como um todo, incluindo a saúde mental. É possível notar que a saúde é um fator importante no desenvolvimento de bons hábitos devocionais. Importante ressaltar que o cansaço é um fator muito relevante em ambas as fases. É notório que o sono e o excesso de atividades decorrentes do trabalho ou da rotina estudantil minam a vontade e o prazer de momentos devocionais, mas os alunos também revelaram que tudo isso pode ser resolvido com uma boa gestão do tempo.

Os resultados também revelam que a falta de tempo decorrente da má gestão do tempo, a desorganização e as distrações (como celular e redes sociais) aparecem como problemas recorrentes e um dos mais significativos. A procrastinação e a quebra de rotina também são sintomas claros da falta de organização do tempo. Contudo, ainda que a gestão do tempo tenha continuado a ser um dos maiores fatores impeditivos do hábito devocional, foi possível notar, após a aplicação do projeto, algumas modificações nos fatores que envolvem a gestão do tempo.

Na sequência, foi perguntado, antes e depois, aos participantes: “Qual a disciplina espiritual você mais gosta de praticar?” Os resultados estão na Tabela 10, a seguir:

Tabela 10 – Disciplinas Espirituais preferidas



Fonte: Autores desta pesquisa

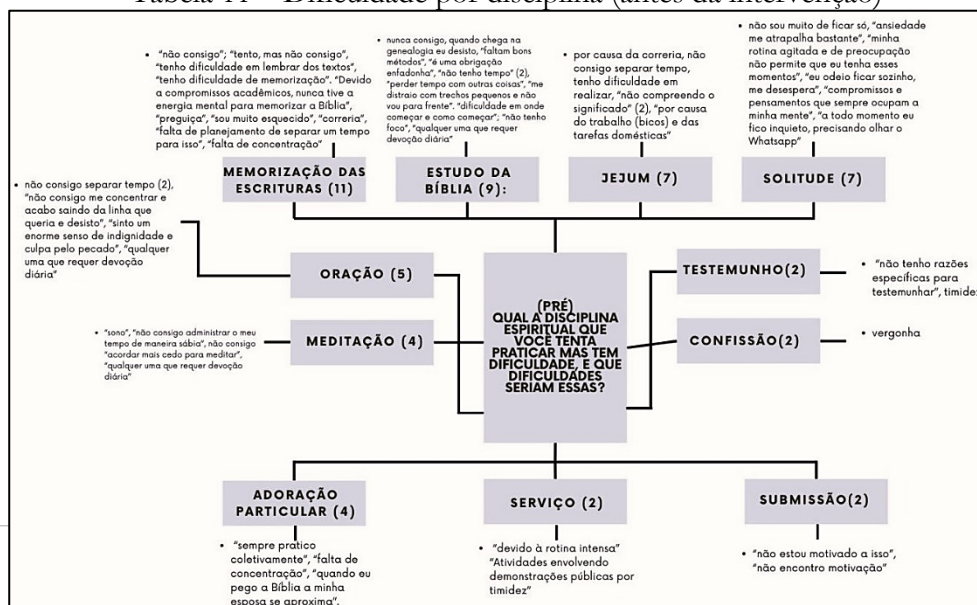
Antes da intervenção, o estudo da Bíblia era a atividade preferida dos estudantes, apesar de terem relatado anteriormente (na pergunta 7, Tabela 7) que a oração era a mais importante. Ou seja, os resultados não mostram uma relação entre a preferência pessoal e a importância da disciplina espiritual. Parecia natural que estudantes de teologia, em um ambiente acadêmico, preferissem uma atividade mais cognitiva (estudo da Bíblia) a uma atividade relacional (oração).

Depois do curso, contudo, houve uma notável mudança na preferência dos participantes. Agora, a solitude passou a ser a disciplina preferida, apesar de os estudantes continuarem afirmando (na pergunta 7, Tabela 7) que a oração é mais importante. Assim, novamente, não há relação entre a preferência pessoal e a importância da disciplina espiritual, mesmo após o curso. O estudo da Bíblia continuou a ser bem avaliado na preferência dos participantes após o curso, mas agora ficou empatado em segundo lugar com a oração.

O testemunho passou a ser mais considerado do que antes. Curiosamente, antes e depois da intervenção, o jejum não foi citado como atividade preferida por nenhum participante, apesar de ter sido considerado importante na pergunta 7 (Tabela 7). Além disso, a submissão e a celebração comunitária também não foram citadas nem antes nem depois.

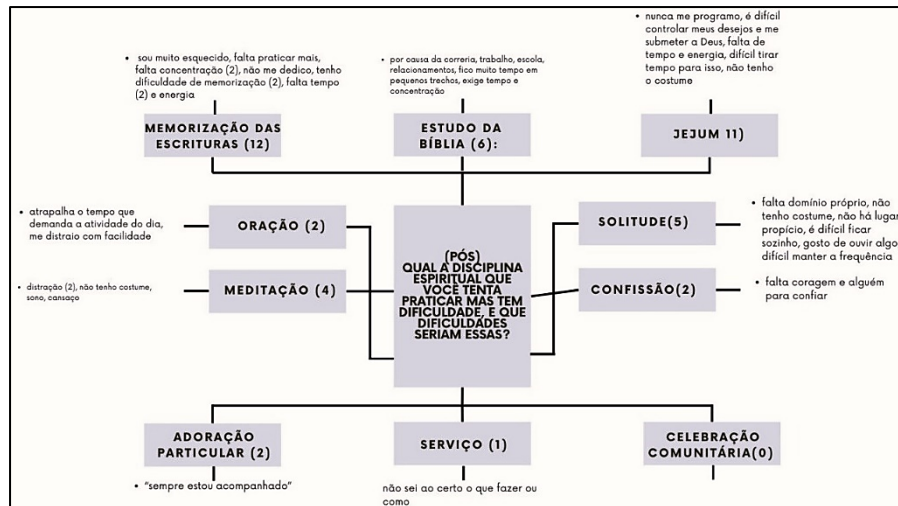
Os questionários abordaram de maneira específica as dificuldades relacionadas a cada disciplina espiritual por meio da pergunta: “Qual a disciplina espiritual que você tenta praticar, mas tem dificuldades, e que dificuldades seriam essas?” Essa era uma questão aberta, e as declarações subjetivas foram categorizadas. As respostas dadas pelos participantes antes da intervenção estão na Tabela 11, e as respostas dadas depois estão na Tabela 12, abaixo:

Tabela 11 – Dificuldade por disciplina (antes da intervenção)



Fonte: Autores desta pesquisa

Tabela 12 – Dificuldade por disciplina (após a intervenção)



Fonte: Autores desta pesquisa

Após a categorização das respostas, a análise dos dados evidencia que, embora tenha havido um ligeiro aumento na categoria “Dificuldades na memorização das Escrituras” após a implementação do projeto (de 11 para 12 relatos), houve uma diminuição notável na categoria “Dificuldades no estudo da Bíblia”, com o número de participantes relatando problemas caindo de 9 para 6.

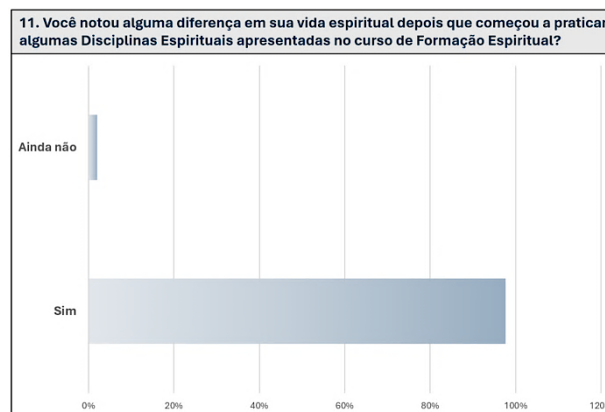
Na categoria “Dificuldades no jejum”, os relatos subiram de 7 para 11, o que pode refletir um aumento no número de praticantes e uma maior consciência da importância do jejum. Nos depoimentos, os participantes admitem as barreiras pessoais, como falta de planejamento e controle dos desejos. Na categoria “Dificuldades na solitude”, os relatos caíram de 7 para 5 após a implementação do projeto. Contudo, as dificuldades relatadas tornaram-se mais detalhadas, refletindo questões relacionadas ao autocontrole e às preferências pessoais.

As categorias “Dificuldades na oração”, “Dificuldades na adoração particular” e “Dificuldades no serviço” tiveram uma redução significativa no número de relatos após a implementação do projeto, enquanto “Dificuldades na confissão” e “Dificuldades na meditação” permaneceram inalteradas. Na fase pós-aplicação, as dificuldades na confissão destacaram a falta de coragem e confiança de alguns participantes.

Das discussões pós-projeto, emergiu uma nova categoria, a “Celebração Comunitária”, que não teve nenhum depoimento de dificuldades. A análise indica uma evolução significativa nas percepções dos participantes sobre suas práticas espirituais, destacando a necessidade de suporte, encorajamento e orientação nessas áreas.

Finalmente, o segundo questionário incluiu uma pergunta de saída: “Você notou alguma diferença em sua vida espiritual depois que começou a praticar algumas disciplinas espirituais apresentadas no curso de Formação Espiritual?” O resultado está na Tabela 13:

Tabela 13 – Impacto da intervenção



Fonte: Autores desta pesquisa

O impacto da intervenção foi positivo, e quase todos os participantes admitiram que houve uma notável melhora na espiritualidade. Essa pergunta abriu espaço para depoimentos subjetivos, que foram categorizados em três áreas: (1) afetos religiosos, (2) aspectos cognitivos e (3) ações efetivas.

Na categoria dos afetos religiosos, os depoimentos revelaram sentimentos de maior “sensibilidade para ouvir a voz de Deus”, redução da ansiedade em relação ao futuro e um “sentimento profundo de paz e conexão com o Senhor”. Os participantes se sentiram mais abertos e capazes de expressar amor a Deus de diversas formas, libertando-se da sensação de obrigação no relacionamento com Ele. A proximidade com Deus foi intensificada, levando a um “coração mais aquecido pelo Seu amor” e a uma “disposição renovada para praticar essas disciplinas”, resultando em “uma vida espiritual mais rica e intensa”.

Na segunda categoria (aspectos cognitivos), os depoimentos enfatizaram um significativo enriquecimento racional na abordagem dos participantes à espiritualidade (“Eu aprendi o que fazer e como fazer”). Relataram uma compreensão mais profunda das disciplinas espirituais e conhecimentos teóricos que antes faltavam (“Agora entendo por que preciso ter um espírito de meditação”, “me trouxe o conhecimento teórico que eu não tinha”). Mesmo os que já praticavam alguma disciplina agora relataram fazê-lo com mais consciência (“Antes, fazia [a solitude] apenas aleatoriamente e sem saber corretamente o que estava fazendo”).

Finalmente, na categoria (3), os depoimentos destacaram mudanças práticas e ações efetivas dos participantes em suas vidas espirituais. Relataram um esforço contínuo para se reavivar espiritualmente (“Eu estava numa frieza espiritual, e estou fazendo o possível para me reavivar através das dicas dadas nesse curso”), maior contato com a Bíblia e a separação de um tempo de qualidade para a prática espiritual. Houve uma ênfase na oração associada à meditação de textos bíblicos, na confissão detalhada de pecados, na memorização das Escrituras e no “aumento do tempo em comunhão com Deus”. As relações interpessoais também mudaram, e houve relatos de mudanças no convívio familiar e na vida da comunidade religiosa à qual pertencem.

Considerações finais

A partir dessa pesquisa-ação, é possível concluir que a intervenção, em forma de curso teórico-prático sobre Formação Espiritual, causou um efeito positivo. Além disso, o estudo evidenciou que a espiritualidade dos estudantes de teologia deve ser abordada primeiramente de maneira descritiva, ou seja, deve-se conhecer o fenômeno em seus próprios termos, o quadro real da experiência dos alunos. O seminário de teologia deve abordar a espiritualidade dos estudantes não apenas para entendê-la, mas também para promovê-la. Para isso, o diagnóstico é essencial.

Além disso, ficou evidente, pelas respostas dos participantes, que uma única disciplina curricular é insuficiente para abordar o campo da espiritualidade dos estudantes. O fomento à espiritualidade inclui aspectos teóricos e práticos, objetivos e subjetivos. Essa deve ser uma tarefa interdisciplinar, que envolva questões psicológicas, de relacionamentos, organização do tempo pessoal, além de questões bíblicas, históricas e teológicas. A abordagem da espiritualidade deve ser holística, tratando o ser humano em sua integralidade.



O caráter participativo da pesquisa-ação se mostrou adequado ao estudo dos fenômenos da espiritualidade. Uma abordagem fenomenológica desinteressada parece ser inadequada para promover a espiritualidade dos estudantes de teologia. Assim como o exercício aumenta o apetite e dá força e vigor saudável ao corpo, os exercícios devocionais trarão um aumento de graça e vigor espiritual.³⁴ Essa característica participativa poderia estar presente no currículo da formação teológica, distribuída de maneira uniforme nos componentes curriculares ao longo dos semestres.

Como foi observado nesta pesquisa, uma intervenção perfeitamente aplicável ao longo de um semestre letivo produziu resultados positivos. Qual seria o impacto se mais ações fossem realizadas durante o curso de teologia? E se um plano amplo, integrado e permanente, envolvendo diversos professores e atividades do curso de teologia, fosse idealizado e posto em prática?

As instituições de ensino teológico podem desempenhar um papel duplo, tanto como centros de reflexão teológica acadêmica quanto como ambientes que promovem a espiritualidade. Durante o curso de teologia, desenvolvem-se hábitos e práticas devocionais que frequentemente persistem ao longo do ministério dos indivíduos.³⁵

Na instituição onde esta pesquisa foi realizada, o curso de teologia inclui uma disciplina especificamente dedicada à Formação Espiritual. Segundo a ementa, essa disciplina enfoca a vida espiritual e devocional, com o objetivo de desenvolver práticas que promovam o crescimento espiritual. Apesar disso, os pesquisadores perceberam que a formação de hábitos não depende apenas de uma disciplina do currículo regular. O seminário oferece muitas outras possibilidades para ajudar os alunos a cultivarem hábitos devocionais.

Certamente, o estudante de teologia é o maior responsável pelo seu desenvolvimento espiritual, pois o seminário é principalmente uma instituição educacional. Apesar disso, a escola pode ser uma parceira nesse esforço, facilitando e orientando o processo, além de criar um ambiente propício. O currículo do curso de teologia pode ir além das atividades de sala de aula, incluindo o desenvolvimento de competências práticas relacionadas à espiritualidade.³⁶

³⁴ WHITE, E. G. Practical Remarks. **Review and Herald**, 29 de março 1870.

³⁵ RIBEIRO, J. da S.; CASTRO, W. de P. Formação espiritual no contexto do Seminário de Teologia: como os seminaristas avaliam o impacto do estudo de teologia na FAAMA e o desenvolvimento pessoal? **Revista Luzeiros**, v. 1, n. 1, p. 203-233, 2020. p. 205

³⁶ EGBERT; KUBURIC, 2014, p. 16.



Referências

- BARBOSA, R. O desafio bíblico da espiritualidade cristã. In: BOMILCAR, N. (org.). **O melhor da espiritualidade brasileira**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. p. 11-34.
- BARROS, P. C. Editorial: Teologia e espiritualidade. **Perspectiva Teológica**, v. 38, n. 106, p. 317-321, 2006.
- BINGEMER, M. C. L. **Em tudo amar e servir: mística trinitária e práxis cristã em Santo Inácio de Loyola**. São Paulo: Loyola, 1990.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.
- CRISTO, F. de; GÜNTHER, H. Hábito: Por que devemos estudá-lo e o que podemos fazer? **Psico**, v. 46, n. 2, p. 233-242, 2015.
- EGBERT, R.; KUBURIC, S. Rituais: expressões e celebrações da fé. **Revista Educação Adventista**. n. 37, p. 16-20, 2014.
- ENDEAN, P. Christian spirituality and the theology of the human person. In: HOLDER, A. (ed.). **The Blackwell Companion to Christian Spirituality**. Malden: Blackwell, 2005. p. 223-238.
- ERWICH, R. Studying theology: Between exploration and commitment-Researching spiritual development of higher education students of theology. **International Journal of Christianity & Education**, v. 22, n. 3, p. 214-232, 2018.
- FOSTER, R. J. **Celebração da disciplina: o caminho do crescimento espiritual**. São Paulo: Vida, 1983.
- FOSTER, R. J.; BEEBE, G. D. **Sedentos por Deus**. São Paulo: Vida, 2009.
- FOWLER, J. W. **Estágios da fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido**. São Leopoldo: Sinodal, 1992.
- FRANKL, V. E. **A presença ignorada de Deus**. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2014.
- HAY, D. Why Is Implicit Religion Implicit? **Implicit Religion**, v. 6, n. 1, p. 17-41, 2003.
- KNIGHT, George R. Ensino de religião versus ensino de teologia: um destaque desequilibrado? **Revista Educação Adventista**, n. 15, p. 24-27, 2002.
- LALLY, P.; VAN JAARVELD, C. H. M.; POTTS, H. W. W.; WARDLE, J. How are habits formed: Modelling habit formation in the real world. **European Journal of Social Psychology**, v. 40, n. 6, p. 998-1009, 2009.



- MASON, J. **Qualitative Researching**. London; Thousand Oaks; New Delhi: Sage, 2002.
- MCGRATH, A. **Teologia para amadores**. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.
- MERTON, T. **Sementes de contemplação**. Porto: Tavares Martins, 1955.
- MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 9-29.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec: Abrasco, 2010.
- NICODEMUS, A. Por que seminaristas perdem a fé no seminário? **Voltemos ao evangelho**. 2014. Disponível em: < <https://voltemosaoevangelho.com/blog/2014/08/por-que-seminaristas-perdem-a-fe-no-seminario/>>. Acesso em: 10 de maio de 2023.
- OTT, B. **Understanding and Developing Theological Education**. Carlisle: LGL, 2016.
- PETERSON, E. H. *Espiritualidade subversiva*. São Paulo, Mundo Cristão, 2009.
- RIBEIRO, J. da S.; CASTRO, W. de P. Formação espiritual no contexto do Seminário de Teologia: como os seminaristas avaliam o impacto do estudo de teologia na FAAMA e o desenvolvimento pessoal? *Revista Luzeiros*, v. 1, n. 1, p. 203-233, 2020.
- SCHNEIDERS, S. M. Approaches to the study of Christian spirituality. In: HOLDER, A. (ed.). **The Blackwell Companion to Christian Spirituality**. Oxford: Blackwell, 2005. p. 15-33.
- SHELDRAKE, P. **Spirituality and Theology: Christian Living and the Doctrine of God**. London: Darton, Longman and Todd, 1998.
- SILVA, J. B. da; SILVA, L. B. da. Relação entre religião, espiritualidade e sentido da vida. **Logos & Existência**, v. 3, n. 2, p. 203-215, 2014.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1986.
- WARFIELD, B. B. **A vida religiosa dos estudantes de teologia**. São Paulo: Puritanos, 1999.
- WHITE, E G. Practical Remarks. **Review and Herald**, 29 de março 1870.
- WILLARD, D. **O Espírito das disciplinas**. Rio de Janeiro: Danprewan, 2003.